

CARTOGRAFILME: Cartografia e audiovisual como instrumentos de apreensão do espaço público e comércio informal na Boca do Rio, Salvador, Bahia, Brasil.

Maria Clara Matos Quintela
Universidade Federal da Bahia

Tainá Oliveira dos Santos
Universidade Federal da Bahia

Resumo

Este trabalho, desenvolvido durante o ano de 2019, para a disciplina de Ateliê V: Planejamento Urbano e Regional, da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (UFBA), ministrada pelas docentes Glória Cecília Figueiredo e Nayara Amorim, objetiva a leitura do espaço público e o desenvolvimento de uma proposta para a temática elaborada de forma colaborativa com moradores do bairro Boca do Rio em Salvador, Bahia, Brasil. O projeto tem como metodologia inicial de aproximação da comunidade e compreensão das dinâmicas do bairro a Cartografia Social e a Leitura comunitária. A partir da aplicação da metodologia, envolvendo oficinas de cartografia social, entrevistas, aplicação de questionários, rodas de diálogo e levantamento de dados, foi identificado por residentes e trabalhadores informais os principais problemas e conflitos bem como os locais de maior concentração de comércio, tanto formal quanto informal do bairro: a Praça do Fim de Linha da Boca do Rio.

O projeto compreende o audiovisual como um instrumento que ajuda a visibilizar os trabalhadores informais e suas demandas. Assim, surge o longa-metragem “CARTOGRAFILME: O Fim de Linha na Boca do Povo”, que mescla a cartografia e o audiovisual. O trabalho tem por finalidade ser um instrumento de reconhecimento dos vendedores informais que, apesar de precarizados, são sujeitos políticos fundamentais do uso do espaço público, da formação do bairro e da sua identidade; além de trazer provocações

sobre as possibilidades de atuação dos arquitetos urbanistas.

Início

História, estudos e ideias

O trabalho foi desenvolvido em duas etapas : a primeira referenciada na *Cartografia Social* e na *Leitura Comunitária*; e a segunda, a produção do longa-metragem e o evento de exibição na Praça, elaborados em colaboração com moradores, trabalhadores informais e associações parceiras.

O bairro da Boca do Rio (Figura 1) se estabeleceu, a partir de atividades pesqueiras, em uma área de antigas fazendas, caracterizada principalmente por suas praias, dunas, mangues e mata de restinga, longe do centro histórico da cidade. Seu adensamento populacional começou nos anos de 1960, quando famílias expulsas de ocupações de outros bairros foram realocadas e começaram a ocupar informalmente os arredores da foz do Rio das Pedras, (Boca do Rio Cultural 2011). A área, entretanto, também despertou interesse de famílias ricas e artistas, que escolheram o local para suas casas de veraneio, atraídas pelas características naturais do bairro, na época ainda não tradicionalmente urbanizado. Serviços básicos como saneamento, asfaltamento, energia elétrica e transporte, só chegaram oficialmente no bairro depois dos anos 80 (Luta Diária, s.d). Ademais, a importância cultural da Boca do Rio se interliga à história nacional, de manifestações artísticas e políticas .

O traçado do bairro se constituiu em meio à informalidade do solo urbano, herança que repercute até os dias atuais, sendo a área classificada como ZEIS-1 pelo PDDU⁴, tendo quase metade de seus domicílios considerados



Figura 1. Mapa de localização da Boca do Rio. Fonte: dados do IBGE de 2010. Elaborado por Maria Clara Quintela e Tainá Santos.

aglomerados subnormais⁵ em 2010, segundo dados do IBGE⁶ organizados pela Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia (CONDER 2016); características que refletem desigualdades urbanas.

Esses dados históricos são evidenciados em conversas com moradores: conta-se a história da feira, um atrativo local da Boca do Rio desde o seu surgimento, tendo suas formações correlacionadas. Com o estímulo a diversos tipos de comércios, o bairro desperta interesses econômicos, seja por oportunidade de emprego ou empreendedorismo. Isso promove uma verticalização de imóveis com pavimentos adicionais, modificando as características arquitetônicas do bairro, estabelecendo imóveis de uso misto, com comércios no térreo. Nas ruas, o trabalho informal prevalece.

Os comércios formal e informal referem-se, respectivamente, aos Circuitos Superior e Inferior, conforme a Teoria de Circuitos da Economia Urbana⁷ (Santos 2008). Ambos circuitos são sistemas de produção, distribuição e consumo de bens e serviços, diferenciam-se quantitativamente e qualitativamente, pela desigualdade propiciada pela modernização tecnológica excludente, que promove a subordinação do Inferior pelo Superior. O Inferior é produto indireto dessa modernização, formado por atividades de pequena escala, voltadas principalmente à população pobre e suas necessidades mais correntes, tendo grande influência local e maior abertura e autonomia para oportunidades de trabalho, com permanente adaptabilidade e transformação, possuindo singularidades de acordo com o lugar onde se estabelece.

Segundo os dados da CONDER (2016), a Boca do Rio é um dos bairros mais negros da cidade, tendo somado pretos (29,56%) e pardos (50,48%), totalizando 80,04% da população do bairro autodeclaradas negras. O fator racial reflete econômica e socioculturalmente, visto que os bairros com população mais negra, por terem menos oportunidades de emprego, em sua maioria, são os mais pobres. Um motivo presumível é o racismo estrutural (Almeida 2018) existente no Brasil, resultado de seu processo histórico de escravização, que tem suas reverberações até a contemporaneidade, reveladas em injustiças sociais.

A caracterização espacial geral por informações censitárias e de fontes secundárias mencionadas anteriormente não consegue, no entanto, abordar a complexidade das relações e dinâmicas das experiências vividas no bairro. Por isso a importância de uma aproximação com os moradores e seu cotidiano.

Processos

Metodologias, práticas participativas e leituras

Iniciou-se uma aproximação identificando agentes e coletivos da Boca do Rio, suas práticas e formas de atuação. O primeiro contato foi mediado pelo Projeto Social Crilevada⁸, por seu fundador, o pedagogo George Sopa, e Diogo Souza, cientista social, representante da Casa Kolping⁹, que formaram um grupo com membros do Crilevada e outros moradores. Assim realizaram-se atividades de *Cartografia Social* e *Leitura Técnico-Comunitária*, adaptando-se à escala e à realidade do bairro.

A *Leitura Comunitária* foi organizada em etapas: problematização, categorização e priorização, baseadas nas metodologias de enfoque participativo de Saboya e Karnaukhova (2007), levantando pontos positivos e negativos do bairro, na concepção dos participantes.

A *Cartografia Social* nesse trabalho foi elaborada a partir das ideias de Acselrad (2008), repensando produções cartográficas e utilizando-as como instrumento de apoio à efetivação de mudança social. Essa etapa foi essencial para espacializar as problematizações e compreender como se relacionavam entre si.

Dentre as questões levantadas destacaram-se: violência e desemprego. Ambos fatores fortemente relacionados à desigualdade social e são potencializados em contextos de pobreza e vulnerabilidade (Sznelwar 2017).

Percebeu-se como uma possível alternativa a essas problemáticas trabalhar com os temas: economia e espaços públicos. A partir de análises e discussões, destacou-se o comércio informal como uma alternativa ao desemprego. Além disso, ficou evidente o lugar de grande fluxo e concentração de vários tipos de comércio do bairro: a Praça do Fim de Linha de ônibus, onde se concentra grande parte das atividades comerciais, culturais e sociais, dita por frequentadores como “o coração” do bairro. Foi onde ocorreu o primeiro contato com uma das lideranças bairro: Maria da Penha, líder comunitária e membro da CONSEG¹⁰, que apresentou outros membros do grupo: Alexandre¹¹, Martins¹² e Roberto¹³, parceiros essenciais para o desenvolvimento do projeto de modo mais participativo, e com maior confiança dos moradores e comerciantes.

Imaginava-se como proposta, uma estrutura de feira, tendo uma visão primeira engessada do arquiteto-urbanista como criador e/ou ordenador do espaço. Essas concepções esvaem-se ao perceber que aquela forma orgânica e enérgica de organização e apropriação do espaço é justamente o modelo que funciona para os comerciantes e compradores. A feira tem sua própria dinâmica, não é algo estático e padronizado que se pensou tornar. Essa forma de uso não poderia se manifestar apenas com ferramentas convencionais de leituras e cartografia. Assim, desistiu-se de tentar organizá-lo espacialmente para tentar apreender seu funcionamento e toda a sua complexidade, assim como retratá-la. Identificou-se que uma representação bidimensional padrão não seria



Figura 2. Elaboração do Mapa do Cartografilme durante filmagens, Novembro de 2019.

suficiente para representar a composição dinâmica vista na Praça do Fim de Linha. Logo, foi pensada a criação de um “mapa vivo”, onde se pudesse “entrar” e os comerciantes contarem sobre suas histórias, entrecruzando-as.

A dinâmica dos vendedores funciona de acordo com o uso do espaço. À noite, a demanda volta-se para o lazer, em dias de semana, prevalece a compra e venda de alimentos. Em feriados, tem-se menos compradores e vendedores nas ruas, que ficam mais vazias. Assim, os comerciantes participam das movimentações da praça definindo seus diferentes ritmos e configurações.

Audiovisual

Processos e estudos

Na intenção de articular pesquisa acadêmica e vivências urbanas de modo mais lúdico e dinâmico, viu-se no audiovisual um meio de comunicar, utilizando uma linguagem mais acessível e de grande alcance.

Assim é pensado o projeto “*CARTOGRAFILME: O Fim de Linha na Boca do Povo*”, mesclando Cartografia Social e Audiovisual, em conjunto com vendedores informais do Fim de linha da Boca do Rio. A proposta culminou no evento “Cinema na Praça”, para exibição do filme e espaço aberto para apresentações de artistas locais, estimulando usos alternativos do espaço público e evidenciando a importância do comerciante informal.

Devido à experiência principiante na área da audiovisual, para pesquisas de criação utilizou-se referências como *Introdução ao Documentário* de Nichols (2007) e suas definições de Documentário de Representação Social¹⁴. Entendido isto, definiu-se o modo do filme como Documentário Participativo, devido às suas



Figura 3. Estrutura do filme. 21 de Novembro de 2019. Elaborado por Maria Clara Quintela e Tainá Santos.



Figura 4. Raimundo, comerciante informal emoldura a arte de divulgação sobre a exibição do filme na Praça do Fim de Linha da Boca do Rio, Salvador, Bahia, Brasil. 21 de Novembro de 2019.

principais características: nele, segundo Nichols *“esperamos testemunhar o mundo histórico da maneira pela qual ele é representado por alguém que nele se engaja ativamente [...]”*, entrevistando e/ou interagindo com os participantes, usando imagens de arquivo para recuperar a história¹⁵.

O Cartografilme

Filmagens, escolhas metodológicas e edição

A produção do documentário contou com a colaboração de professores¹⁶, do morador e profissional de audiovisual Caio Araújo¹⁷, dando assistência na edição e o fotógrafo Silas Fernandes nas filmagens. Com esses apoios técnicos e artísticos, dentro do recurso que haviam, as gravações foram iniciadas.

A relação com os vendedores foi amistosa, a maioria se empolgou com o trabalho e estavam ansiosos para se verem e serem vistos em posição de notoriedade. No total foram vinte participantes, dentre comerciantes e lideranças comunitárias. Alguns participaram em vídeo, outros, mais tímidos, por gravação de voz e outros até enviaram registros próprios. Poucos, porém, não quiseram participar, justificando já terem integrado algum projeto universitário e não terem visto retorno à comunidade, sentindo-se apenas objetos de estudo; ou por medo de serem prejudicados ao se expor, devido à informalidade do trabalho.

A filmagem se deu a partir de entrevistas, mas sem muitas intervenções diretas, deixando os entrevistados livres para se expressarem sobre o tema abordado, colocando apenas algumas provocações. A proposta era que cada comerciante se apresentasse, contasse sua história e marcasse a localização do seu comércio com um ponto em um mapa da base digital de cadastro topográfico do bairro. O registro cartográfico intencionava retratar histórias; não somente demarcar espaços ocupados, mas narrar as dinâmicas desses espaços e da vida dessas pessoas.

Deixou-se que cada um descrevesse sua localização e arredores da forma que entendessem, por ser mais verossímil. Percebeu-se a dificuldade de alguns vendedores se localizarem no mapa, tratando-se de uma vista superior pouco ilustrativa, perspectiva que não estavam acostumados: traçados de edificações e ruas apenas com nomes oficiais pouco conhecidos popularmente, que não representava toda a energia e organicidade daquele espaço.

Para se localizar, eles utilizavam referências como o ponto de ônibus do Fim de Linha ou comércios formais.

Entendeu-se junto aos participantes do documentário, a importância do reconhecimento das histórias, narrativas próprias e de se valorizar a forma de comércio característica da região, que configura a paisagem local; pois, embora invisibilizados, são os trabalhadores que estimulam a dinamicidade desse espaço público.

O título do longa *“CARTOGRAFILME: O Fim de Linha na Boca do Povo”* advém de uma série de conceitos. O título principal, traz a cartografia social alinhada ao audiovisual, para uma maior aproximação da realidade vivida pelos participantes trazendo-a num “mapeamento” lúdico e interativo.

O termo foi pensado a partir do conceito de cartografia, suscitado por Suely Rolnik:

Para os geógrafos, a cartografia (...) é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem. Paisagens psicossociais também são cartografáveis. A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos - sua perda de sentido - e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos. (ROLNIK, 2011, p. 23).

Perceberam-se limitações das leituras e cartografias convencionais, que não conseguem por si só abarcar as complexidades dessas vivências urbanas. O audiovisual, então, vem como uma ferramenta potencializadora, abrangendo elementos da contemporaneidade, e trazendo visibilidade ao comércio informal local, suas práticas, organicidades e dinâmicas.

No subtítulo, o termo “na Boca do povo” retrata uma expressão popular, fazendo alusão à algo que está no centro das atenções. O trocadilho com o nome do bairro infere ao pertencimento. A ideia era ouvir aquelas pessoas e o que têm a dizer. Uma produção de audiovisual feita de forma participativa em comunidade, que está “na boca do povo”, é a “voz do povo”, é o que o povo quer falar, e eles querem ser ouvidos.



Figura 5. Exibição do filme “Cartografilme: o Fim de Linha na Boca do Povo” na Praça do Fim de Linha da Boca do Rio, Salvador, Bahia, Brasil. Caio Araújo, 22 de Novembro de 2019.

Associada a essas ideias, foi escolhida metodológica a dupla não aparecer no vídeo, concentrando o protagonismo nos indivíduos que ocupam a praça diariamente. Logo, o material principal eram as falas dos participantes. Dentre elas, existiam muitos pensamentos comuns e divergentes, cada pessoa com seu ponto de vista, baseado em vivências. Assim, a riqueza das narrativas são as diversidades de perspectivas; as histórias não contadas nas notícias, que os censos não conseguem mostrar.

Por conta da metodologia de filmagem escolhida¹⁸, o pré-roteiro foi elaborado de forma bastante flexível. As etapas de edição e montagem foram essenciais ao produto final a ser apresentado: as narrativas dos trabalhadores informais da Boca do Rio.

A estrutura do filme foi dividida em doze partes, agrupando e intercalando falas a partir de temas, por semelhanças ou disparidade de pensamentos, costurando histórias, tentando não manipular as narrativas, mas consciente da não-neutralidade no discurso de quem realiza a montagem e a edição, tentando interferir o mínimo, de modo a evidenciar a visão dos entrevistados.

Para trilha sonora do documentário, a intenção era utilizar músicas criadas por moradores, que falassem sobre as histórias e vivências do bairro. Com isso foram escolhidos trechos do *Rap do bairro da Boca do Rio*¹⁹ (Rodríguez 2015).

Evento

O Cinema na Praça

O evento do Cinema na Praça para exibição do “*CARTOGRAFILME: O Fim de Linha na Boca do Povo*” foi realizado em Novembro de 2019, no anoitecer de uma Sexta-feira, escolhida pelos comerciantes, pelo maior movimento na praça e para garantir qualidade na visualização das projeções.

Para divulgação, produziu-se um convite, distribuído em panfletos e virtualmente. O jornal do bairro publicou-o em sua página e, na véspera do evento, um carro de som passou nas imediações para divulgá-lo.

Os participantes estavam animados com o cinema, um dos vendedores até emoldurou seu convite (Figura 3).

Para a exibição do filme, os próprios comerciantes e moradores ajudaram a pensar na montagem, emprestando equipamentos e dando ideias para utilizar um pergolado da Praça para amarrar um lençol e usar para projeção.

No evento houveram também apresentações artísticas: um grupo de dança, o Grupo Crilevada, o comerciante e também cantor Kafhé Castro, que animaram a noite, reunindo um público diverso. Durante a exibição do longa, surgiram sorrisos orgulhosos de vendedores se vendo na tela e comentários sobre a importância do trabalho realizado por eles.

Considerações finais

Objetivos, problemas e críticas

A dupla entendeu durante o processo que, para fortalecer o comércio local, era necessário estimular as redes comunitárias. Assim, a exibição do documentário foi também um incentivo às atividades econômicas e culturais, ocupando espaços públicos importantes da Boca do Rio.

Segundo Cao Guimarães:

“A percepção dos acontecimentos reais sempre estará intimamente relacionada ao imaginário. Nenhum olhar é isento de si ao olhar para fora. Vejo e, ao ver, também me vejo. Vendo-me inserido nisso ou naquilo, aquilo inserido em mim, a coisa se forma, um algo mais, o inesperado. (GUIMARÃES, 2007, p. 69).

Ao produzir o documentário, nos deparamos com a reflexão sobre a função social da universidade pública e sua relação com a comunidade. A ideia era colocá-la em prática, trazendo retorno efetivo ao bairro e estimulando a economia local. Além disso, apesar da vertente social da Arquitetura, no curso de graduação nem sempre são oportunas interações tão próximas com a sociedade. Ao invés disso, são trabalhadas majoritariamente práticas arquitetônicas e urbanísticas em casos hipotéticos, do que com problemáticas reais.

Com esse trabalho, proporcionado por uma matéria da Universidade, viu-se a importância de outras possibilidades de leitura do espaços, principalmente através de meios participativos, saindo do papel histórico de arquiteto detentor do conhecimento para uma troca de saberes e experiências. Além disso, é importante experimentar novas formas de leitura e apreensão do espaço, proporcionando essa integração do urbanismo com o audiovisual, sendo este um instrumento potencial de transformações sociais.

Essas temáticas são pautas importantes de discussões e debates em congressos da área da arquitetura e urbanismo, por trazerem caminhos possíveis para a construção de novas relações e leituras da cidade, a partir da compreensão de outros olhares.

Referências

Achselrad, Henri (org). 2008. *Cartografias sociais e território*. Rio de Janeiro: UFRJ.

CONDER (org). 2016. *Painel de Informações: Dados Socioeconômicos do Município de Salvador por Bairros e Prefeituras-Bairro* da Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia. 5ª ed. Salvador: CONDER/INFORMS

Guimarães, Cao. 2007. *Documentário e subjetividade, Uma rua de mão dupla*. Em *Sobre fazer documentários* - vários autores, pg 68 - 73. São Paulo : Itaú Cultural.

Nichols, Bill. 2010. *Introdução ao Documentário*. 5ª ed. Campinas: Papirus Editora.

Saboya, Renato; Karnaukhova, Eugenia. 2010. *Uma metodologia para a obtenção de possíveis objetivos e eixos estratégicos para planos diretores a partir dos dados da leitura comunitária*. Campinas: Papirus Editora.

Santos, Milton. 2008. *O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana*. 2ª ed. Coleção. São Paulo: Editora da USP.

Boca do Rio Cultural. 2011. *"A História"*. Boca do Rio cultural (blog), 2 de abril de 2011. <http://nossabocadorio.blogspot.com>. Acedido a janeiro de 2020.

Luta Diária. s.d *"À margem da Boca do Rio"*. Acedido a janeiro de 2020. <http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/doc-polo/amargemdabocadorio.pdf>

Salvador, Cultura Todo Dia. s.d *"Boca do Rio"* Acedido a janeiro de 2020. http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendo-polo.php?cod_area=5&cod_polo=62

Mundo Educação. s.d. *"Tropicalismo"*. Acedido a janeiro de 2020. <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/tropicalismo.htm>

Araújo, Caio; Haupt, Yerko. 2018. *"Boca do Rio - Beleza Pura, Dinheiro Não"*. Youtube, 25:53. <https://www.youtube.com/watch?v=zW1-tjofWm>.

Rodriguez, Ramon. 2015. *"Rap do bairro da Boca do Rio (Salvador - BA)"*. Youtube, 04:07. <https://www.youtube.com/watch?v=L-dETfOfRNk>.

Rolnik, Suely. 2011. *Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Szelwar, Laerte Idal. 2017. *"Violência e trabalho"*. Laboreal [Online]. Volume 13, Nº2. Posto online no dia 01 dezembro 2017, consultado o 30 junho 2020. <http://journals.openedition.org/laboreal/398>

Almeida, Silvio. 2010. *O que é Racismo Estrutural?*. Belo Horizonte: Letramento.

IBGE. s.d. "Geociências". Site. Acedido a janeiro de 2020. <https://www.ibge.gov.br/geociencias/downloads-geociencias.html>.

Outras referências importantes

Olivieri, Silvana. *Quando O Cinema Vira Urbanismo, o documentário como ferramenta de abordagem da cidade*.

Ribeiro, Ana Clara Torres et al. 2001/2002 "Por uma cartografia da ação: pequeno ensaio de método" Cadernos IPPUR Ano XV, no. 2 e Ano XVI, no. 1 (2001/2002)

GORCZEWSKI, Deisimer; SANTOS, Nair Iracema Silveira dos. 2015. "Cartografia audiovisual e o vídeo como dispositivo de pesquisa-intervenção," in *Arte que inventa afetos*, ed. GORCZEWSKI, Deisimer (Fortaleza: Imprensa Universitária), p.55-70.

Notas

¹ A primeira etapa foi realizada em equipe, formada por seis componentes: Gabriel de Lima, João Vitor Guimarães, Maria Clara Quintela, Rafaela Chemmés, Victória Brito e Tainá Santos; já a segunda parte, realizada, pelas autoras deste artigo.

² A Orla da Boca do Rio, mais precisamente a Praia dos Artistas, é conhecida por ser o berço da Tropicália (Mundo educação, s.d), movimento cultural brasileiro que marcou o ambiente da música popular e da cultura brasileira no final da década de 60. Teve suas vertentes principalmente na música, em outras áreas da arte. Porém mudou não somente a música popular brasileira, foi também uma forma de expressão contra a Ditadura Militar, com várias manifestações artísticas que expressaram o sentimento da repressão, medo, insatisfação e silenciamento de uma época (Salvador, Cultura Todo Dia s.d).

³ Zona Especial de Interesse Social 1, caracterizada por: "assentamentos precários – favelas, loteamentos irregulares e conjuntos habitacionais irregulares – habitados predominantemente por população de baixa renda e situados em terrenos de propriedade pública ou privada, nos quais haja interesse público em promover a regularização fundiária e produzir Habitação de Interesse Social (HIS) e Habitação de Mercado Popular (HMP).

⁴ Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU) de Salvador de 2016.

⁵ Terrenos ocupados informalmente, em condições de precariedade de habitação e de serviços públicos essenciais.

⁶ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Os dados foram levantados pelo IBGE e organizados pela CONDER em 2016.

⁷ Milton Santos traz uma alternativa de interpretação das realidades dos países ditos subdesenvolvidos, buscando outra perspectiva dos processos de organização do espaço, não apenas no âmbito econômico, mas também no social, a despeito das transformações nas dinâmicas da sociedade ao longo do tempo.

⁸ Grupo atuante na Boca do Rio que trabalha com educação e inclusão social para jovens a partir da música.

⁹ Associação sem fins lucrativos que atua na superação da pobreza por meio de formação e trabalho, tendo uma de suas sedes na Boca do Rio, espaço físico onde realizaram-se os encontros comunitários.

¹⁰ Conselho Comunitário de Segurança pública da Boca do Rio.

¹¹ Presidente da Liga desportiva da Boca do Rio.

¹² Conselheiro da prefeitura Bairro e presidente do projeto social "Bem bolado", voltado para o esporte, atuante na Boca do Rio.

¹³ Pastor da Igreja Batista do Poder de Deus e gestor de eventos da CONSEG.

¹⁴ Segundo o autor: "[...] representam de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos. Tornam visível e audível, de maneira distinta, a matéria de que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e a organização realizadas pelo cineasta. Expressam nossa compreensão sobre o que a realidade foi, é e o que poderá vir a ser. Esses filmes também transmitem verdades, se assim quisermos. Precisamos avaliar suas reivindicações e afirmações, seus pontos de vista e argumentos relativos ao mundo como o conhecemos, e decidir se merecem que acreditemos neles, [...] proporcionam novas visões de um mundo comum, para que as exploremos e compreendamos".

¹⁵ Percebeu-se também, ao longo do desenrolar do Cartografilme, a presença de características de modos poéticos e observativos, o que não exclui seu caráter participativo. Segundo Nichols: "A identificação de um filme com um certo modo não precisa ser total. [...] As características de um dado modo funcionam como dominantes num dado filme: elas dão estrutura ao todo do filme, mas não ditam ou determinam todos os aspectos de sua organização. Resta uma considerável margem de liberdade".

¹⁶ A professora Gabriela Leandro Pereira, docente na Faculdade de Arquitetura na Universidade Federal da Bahia, que deu orientações a respeito do olhar sobre como trazer as narrativas, como produzir filmagens com poucos recursos e sugeriu leituras fundamentais; e Marcos Bau Carvalho, que junto a ela ministra uma matéria sobre audiovisual e direito à cidade, cujo trabalho também serviu de referência e auxiliou na parte mais técnica das filmagens.

¹⁷ Caio Araújo, junto com o diretor Yerko Haupt, produziram um documentário sobre a história do bairro da Boca do Rio, disponível no Youtube, "Boca do Rio - Beleza Pura, Dinheiro Não", uma das poucas referências de audiovisual que retrata o bairro, que também serviu como referência para o Cartografilme.

¹⁸ Ao longo de todo o processo atentou-se para a questão da verdade cinematográfica, explicada por Nichols: *Se há uma verdade aí, é a verdade de uma forma de interação, que não existiria se não fosse pela câmera. Assim, ela é o oposto da premissa observativa, segundo a qual o que vemos é o que teríamos visto se estivéssemos lá no lugar da câmera. No documentário participativo, o que vemos é o que podemos ver apenas quando a câmera, ou o cineasta, está lá em nosso lugar (NICHOLS, 2010, p. 155).*

¹⁹ Escrita e produzida por Ramon Rodriguez, disponível no Youtube, na conta do morador Caio Araújo. Seu vídeo apresenta muitas fotografias históricas do bairro.